

A Resposta Final

Lu estava encostado às raízes de uma baobá secular, descansando após um apetitoso almoço: um avantajado gnu caçado há dois dias pelo grupo e que ainda renderia o jantar. A planície que o rodeava não oferecia nenhum perigo iminente. Podia apenas apreciar a calma ali fora da caverna.

Desde o último inverno, a vida tinha ficado mais calma. Sua pequena tribo, que já resistira a ataques de felinos gigantes, lupinos carniceiros e bípedes ameaçadores, via-se sem ameaças há muitas luas, a ponto de mudar seus hábitos. Alguns nem lembravam-se mais dos tempos difíceis. A vida mudara sem motivo conhecido. Agora, havia animais em abundância para serem caçados, além de saborosos frutos nas poucas árvores da savana.

Não se pensava muito nos motivos da mudança. O importante era aproveitá-la. O grupo, que antes ficava a maior parte do tempo dentro da caverna, estava agora grande parte do dia ao ar livre. Passaram a reunir-se por prazer, apenas quando queriam ficar juntos. Quando não, preferiam explorar o ambiente e descobrir a nova vida.

Há alguns dias, uma novidade criou grande interesse na comunidade. Gon trouxe consigo um adorno. Era uma casca de arbusto em forma de tira, com flores coloridas encaixadas formando um colar. No dia seguinte, como as flores secaram, ela voltou ao local colheu novas. Os mais curiosos a seguiam, já que não tinham como, em seu parco vocabulário, verbalizar o interesse pela peça. Gon sentia-se bem por ser o centro das atenções. Certa manhã, porém, outra fêmea apareceu com um enfeite parecido. Era um colar para o braço, revestido com penas de aves. Logo, o jogo preferido do grupo era encontrar materiais para confecção de apetrechos ou pinturas corporais.

A tribo trocava experiências no interesse de melhorar as técnicas de criação das joias. Muitos substantivos monossilábicos surgiram das descobertas.

Nesse tempo de abundância, uma ideia tinha aparecido na mente simples de Lu. Essa ideia importante não o deixava dormir direito há alguns dias. Recentemente, sua fêmea tinha tido um filho. Era o primeiro da tribo desde os tempos da bonança. Como percebeu que a criança era parecida consigo, montou-lhe um colar igual ao seu.

Tinha-o visto nascer (o que era uma quebra total de costumes). Percebeu, neste momento, que não se lembrava de ter nascido. Teria ele mesmo vindo de dentro de sua mãe? E os outros?

Curiosamente, uma morte tinha ocorrido naquele mesmo dia, mais tarde. Um macho caíra de uma árvore próxima à caverna e não se movia mais. Quando arrastava-o para o rio – para que seu fedor não atraísse as poucas feras existentes por ali –, o pensamento magnânimo apresentou-se à mente de Lu.

Neste instante, ele tomou consciência de sua própria existência como indivíduo fazendo parte de algo maior. Descobriu, enfim, que habitava em um mundo que funcionava de forma particular e independente dele. Sua busca por alimento e descanso era compartilhada pelos da sua tribo. Eram todos indivíduos com o objetivo máximo de sobreviver. Seu filho iria um dia crescer e morrer como aquele companheiro e seria também arrastado para o rio. Ele mesmo iria deixar o mundo, pois estava só de passagem.

De repente, encheu-se de amor. Sentia dó do morto.

Perdeu as forças nas pernas, caiu ajoelhado e chorou. Não sabia o que fazer. Só podia chorar e chorar. Ficou um longo período ali. Era a primeira vez que neste mundo sentia-se humanidade.

* * *

Dr. Verne estava um pouco desconfortável após a longa viagem de 6 meses; acordou tonto. Esperava

que valesse a pena ter deixado tudo para trás para trabalhar neste projeto experimental. Apesar da pouca idade, tinha um senso de responsabilidade como poucos e sabia que seus conhecimentos ali seriam extremamente necessários. Não pensou em si quando aceitou a arriscada missão; pensou, com sincera resignação, no bem que estaria fazendo à humanidade, caso lograsse êxito.

Depois da catástrofe que destruiu o sistema solar, pouca coisa foi levada do planeta Terra. Vivendo no espaço, as colônias levaram séculos para reorganizar suas vidas. Deram origem a diferentes povos em diferentes estágios morais e de governo. As que sobreviveram, contavam com suprimentos manufaturados compostos de vitaminas e nutrientes para alimentação. Foi assim durante muito tempo. Sem nunca terem conseguido contato com outras civilizações não-humanas, também nunca encontraram um outro planeta para colonizar.

Ou quase. Vários planetas rochosos foram descobertos, alguns com condições de atmosfera e gravidade semelhantes às da Terra. Um problema, porém, nunca foi superado: o meio ambiente não era autossustentável. Todas as tentativas de espalhar vida haviam falhado. Fossem animais, vegetais ou bactérias, o planeta os rejeitava e poucos meses depois estava novamente estéril.

Uma nova ideia tinha surgido aos grandes pensadores da colônia LPP-31: criar, em computador, um modelo evolutivo com base nos dados do planeta e, assim que se mostrasse eficiente, poderia ser aplicado. Esta alternativa parecia melhor que a simples tentativa e erro.

As cabeças mais brilhantes foram mandadas para uma base no planeta, distante 7 dias-luz da colônia e que levou quase um ano para ser montada. Um supercomputador foi construído na base. Os cientistas ficariam encarregados de modelar algoritmos de inteligência artificial para simular a evolução com dados daquele planeta específico. A experiência levaria 2 anos. Se houvesse sucesso, todas as 36 mil pessoas da colônia seria trazidas para seu novo lar, e a esperança voltaria aos corações da humanidade.

No total, eram apenas 12 pessoas naquele planeta inóspito. 12, contando com o Dr. Verne, que era a autoridade máxima em muitos milhões de quilômetros. Desde o primeiro momento, Verne sentiu que havia algo errado ali. Não sentia conforto naquele lar. Se a estação onde nascera não provia aconchego, aquele local parecia não desejar sua presença. Talvez fosse impressão sua, por causa das pontiagudas montanhas, ou das rochas vulcânicas retorcidas, como uma fotografia surreal de ondas escuras, ou da areia fininha, quebradiça, que fazia um barulho irritante quando era pisada. Fosse o que fosse, pensava Verne, se tudo desse certo, este mundo precisaria mudar muito para ser chamado de lar. Infelizmente, para ele, isso não se concretizaria, pois sua intuição estava correta apesar do que diziam os instrumentos. Havia, sim, formas de vida no planeta, mas não baseadas em carbono e tão diferentes de qualquer coisa imaginada que nenhum instrumento ou sentido humano foi capaz de identificá-las.

Graças à mecatrônica, os computadores eram interligados em módulos e, conforme a necessidade, novos módulos eram montados por robôs e acoplados à rede. O projeto físico envolveu a identificação de mineral no planeta e a montagem da mini usina, além da programação dos servomecanismos para a construção de novos módulos. Seis meses depois, os computadores iniciais já haviam sido completamente montados e tinha início a fase de construção de algoritmos. O experimento consistia em realizar a programação dos componentes DNA como objetos virtuais, para que estes interagissem e formassem seres mais complexos. Faziam com que as combinações resultantes reagissem com o meio recriado dentro do computador - seria uma evolução virtual. Esta simulação indicaria qual DNA pode ser adaptado e qual não serve para ser montado realmente e colocado no mundo físico, e em que condições. O algoritmo de inteligência artificial fora pensado para recriar as condições e a randomicidade necessárias para o desenvolvimento das espécies. Apenas seriam necessários ajustes interativos quando se quisesse modificar o rumo da evolução.

Inicialmente, cadeias de moléculas haviam sido inseridos em um fractal para que as combinações

possíveis em seus ramos pudessem criar objetos viáveis. Quando descobertos, estes objetos viáveis eram selecionados para inserção no ambiente comum, que recriava vários aspectos do planeta. Foram meses de trabalho árduo para a criação destes algoritmos.

Após 1 ano e 2 meses de projeto e 4 reinícios virtuais depois, a evolução parecia promissora. Foram detectados cerca de 172 espécies que responderam bem às condições criadas. Tinham evoluído em seres pluricelulares saudáveis: répteis, peixes e mamíferos. 17 novos módulos haviam sido construídos e acoplados pelos robôs, por causa do aumento da demanda de processamento – além dos 6 iniciais.

Se o projeto ia bem, era ao custo da saúde da equipe; saúde mental, digo. Porque ao longo dos meses o sentimento de serem observados tomou a todos. Os cientistas tinham sido preparados e sabiam dos perigos do confinamento de longo prazo. Apesar disso, alguns desenvolveram fobias a ponto de não conseguir mais conviver com o resto do grupo e passavam a maior parte do tempo trabalhando ou relacionando-se por meio de computador. Seu passatempo consistia em cuidar de seus “bichinhos virtuais” do projeto ou apenas conversar com o computador e seus simuladores de relacionamento. Seu nível de tolerância estava muito baixo por conta de todo o estresse e noites mal dormidas. Evitavam sair dos quartos, fazendo-o apenas quando estritamente necessário. Era a forma mais sensata de evitar uma catástrofe, cujo estopim poderia ser um simples olhar de reprovação ou a prática de algum irritante cacoete. A experiência continuava: era isso que importava. É como se toda a equipe estivesse sofrendo de esquizofrenia, e soubesse disso.

Quando finalmente os ânimos pareciam amainar-se, Dr. Verne chamou a todos para uma comemoração. Como homens racionais, tinham combinado há um tempo que, quando criassem mamíferos bípedes, teriam um dia de descanso e confraternização, pois sabiam que suas irritações tinham como causa a situação, não seus companheiros. Naquela manhã, não só houvera a inserção de uma mutação para a criação de bípedes (com a mudança na espinha e a inversão dos polegares), como também foi feita com tal maestria que eles continuariam férteis (a análise de fertilidade era feita através de um sistema que coletava os dados constituintes do modelo e os implantava em um ambiente em paralelo, a fim de identificar parâmetros para uma gestação e consequente produção de espécime à imagem dos progenitores).

No horário combinado, estavam todos na sala de reuniões com seus olhares cabisbaixos, desconfortáveis. Todos, menos um. O Dr. Vomisa, autor da façanha, não veio. Não sabiam se começavam a reunião sem ele, se o esperavam, se esbravejavam ou se retiravam-se. Depois de 6 longos minutos, o silêncio foi quebrado e decidiram ir ao seu quarto-laboratório.

– Dr. Vomisa, Dr. Vomisa – disse Dr. Verne ao bater com a palma da mão na porta de metal.

Nenhuma resposta. Com todos os outros às costas, Dr. Verne digitou sua senha e adentrou o quarto. Encontraram Dr. Vomisa sentado à cadeira de sua escrivaninha, com a cabeça caída sobre o teclado do computador. O Dr. Asclepo tomou a frente e verificou seu pulso à altura da artéria aorta. “Está morto”, disse.

A mão esquerda do morto jazia estendida em direção ao chão. A mão direita estava sobre a escrivaninha e segurava firmemente alguma coisa. Na tela do computador, a pressão do rosto do morto fazia com que a letra Y fosse digitada continuamente em um documento de texto.

Para averiguar a *causa mortis*, primeiramente o corpo foi escorado à cadeira. O Dr. Asclepo fez uma breve averiguação física, mas não percebeu nada a que se pudesse atribuir o óbito. Tentou então abrir a mão fechada do finado. Notou que ela estava um pouco ressecada e muito mais rígida que a outra mão. Quando abriu, viu apenas o que parecia um pequeno cilindro metálico de cerca de 7cm de comprimento e 1cm de raio. Estava morno. Chamou-lhe a atenção o Dr. Verne, ao ler na tela do computador uma curta mensagem no início do documento texto: “Eles venceram”.

As palavras ecoaram na sala muda como se fosse uma flecha atirada ao coração. Se antes o temor era infundado, inoportuno e irracional, agora ele se mostrava verossímil, útil e assombroso. Dr. Asclepo quebrou o novo silêncio com um gemido, liberado ao deixar cair o pequeno cilindro. Olhou para sua mão, formigando e ardendo, e exclamou: “Tório!”. Todos sabiam o que significava. Aquele pequeno cilindro de Tório era um elemento radiativo que fazia parte de um dos módulos do experimento. Nunca deveria ter saído de sua cápsula de chumbo, muito menos ser manipulado por um ser humano.

Estavam condenados e nada poderia salvá-los agora. Sair do quarto apenas adiaria em um ou dois dias de ter o mesmo destino que o Dr. Vomisa. No entanto, diante de situação de perigo, o ser humano mais austero também tende à autopreservação. Por puro medo e sem maiores pudores, os doutores saíram acotovelando-se do quarto. O último fechou a porta atrás de si.

De volta ao salão principal, todos formaram um círculo, encararam-se e analisaram a situação, sem dizer palavra. Parados, pensativos e novamente com o olhar lúcido estavam os cientistas conscientes de suas últimas horas vivos.

Eles venceram. Eles quem? O planeta? Ou há seres neste planeta? De qualquer forma, eles venceram. Não havia mais nada a fazer. Isto entendido, não havia mais terror. Não havia também tempo para conjecturas sobre o que levou o Dr. Vomisa ao suicídio, se foi mesmo suicídio.

Só podiam fazer uma coisa para passar suas últimas horas: trabalhar. Não foi necessária nenhuma verbalização para que todos se entendessem. Fizeram reverências mútuas e recolheram-se aos seus aposentos.

Ao chegar ao seu quarto-laboratório, o Dr. Verne procurou um analgésico para quando a dor começasse a consumir seu corpo. Ao invés de ir ao computador programar freneticamente até definhar, deitou-se calmamente em seu leito e fez algumas ponderações. Pensou ele que, se o planeta (ou o que quer que fosse) era hostil para com os humanos e poderia impor-lhes sua vontade, não seria tão eficiente assim com seres de silício, com sua criação. Pensou também que, se o projeto vingasse ao menos em sua fase lógica, “eles” não teriam vencido. Com estes pensamentos, adormeceu.

Algumas horas depois, acordou para reiniciar suas atividades. Dos 10 companheiros restantes, apenas 8 ainda estavam vivos; os outros já haviam escrito seu epitáfio no sistema de mensagens. (ninguém foi aos seus quartos para ver se morreram em consequência da radiatividade ou por vontade própria). Verificou que houve avanços no mundo virtual. Os humanoides já viviam em cavernas, abrigados das intempéries do tempo. Uma profusão de animais havia sido desenhada e estava sendo inserida no ambiente, de forma experimental. Cabia à Seleção Natural permitir que alguns continuassem vivos enquanto extinguiu outros. Para ajudar nas chances de sucesso, mutações arbitrárias eram introduzidas durante a reprodução, tanto dos humanoides quanto dos outros seres vivos. Alguns parâmetros do experimento foram alterados; seu tempo, por exemplo, foi acelerado, e algumas inconsistências foram suprimidas por respostas positivas na programação, aumentando a chance de sucesso.

Aquele jogo de criação de vida deu novo ânimo aos pesquisadores, que quase esqueceram de seu terrível e iminente destino. Após 4 dias e com apenas 3 companheiros, o Dr. Verne já percebia parte do corpo adormecida, e a outra parte com febre. Ouvia um zunido contínuo no ouvido esquerdo. Sabia que não lhe restava muito tempo.

Em outro dia de trabalho, notou que seu mundo virtual estava rico de vida. Nenhum sinal de qualquer perturbação externa. Analisando os resultados das interações, percebeu, no entanto, que sua criação principal, seus humanoides, levavam um cotidiano diverso daquele que ele gostaria, apesar de estar de acordo com o que previra inicialmente. Não os tratava mais como experimento, e sim com sua criação, seu legado. Por isso, criou um rio na savana e afastou as feras das cavernas dos

humanoides. Também removeu a maioria da população de grandes felinos, e fez os restantes caçarem em local afastado da tribo. Com isso, sorriu e foi dormir.

Acordou. Descobriu que estava sozinho naquele planeta: nenhum outro cientista tinha acordado. Sentiu-se ainda mais determinado a dar andamento ao projeto, a fazer viverem seus seres virtuais. Lu, Gon e os outros agora representavam sua única chance de vida, de perspectiva, de futuro. Ainda faltava-lhes, porém, o brilho nos olhos que somente aparece com a consciência.

À base de fortes analgésicos, Dr. Verne ainda ouviu o barulho dos servomecanismos montando outro módulo de processamento na área interna da base. Sabia que restava-lhe apenas algumas horas de vida. Àquele momento, o cientista concentrava-se totalmente no algoritmo do pensamento. As instruções básicas para a tomada de decisões já havia sido inseridas há muito tempo. Havia agora necessidade da criação de elementos mais abstratos.

A saída tornou-se clara levando em conta seu próprio sentimento: o de que tudo estava fora de controle. Há ocasiões em que diversos fatores conflitantes, somados a questões aleatórias e biológicas, criam paradoxos insolúveis. Isso é o ser humano. Se ele conseguisse inserir estes parâmetros nos padrões de pensamento dos humanoides virtuais, seu legado estaria completo. À esta altura, era o melhor que poderia fazer. Criou rápida e confusamente uma função de empatia, outra de proteção, de pertencimento (e ciúmes). Sem muitos testes e com muita dormência no corpo, Dr. Verne inseriu os dados no sistema, com esperança de que desse certo.

Durante alguns minutos (seus últimos), o cientista observou o que ocorria no mundo virtual. Conseguiu presenciar a cena em que Lu chorou e voltou para a caverna, resoluto de que a tribo só poderia sobreviver se pudesse imprimir mais eficiência às suas atividades. Seu olhar, agora, parecia humano, heroico. Tinha a missão de reunir os companheiros em um objetivo comum: o de evoluir daquele estágio para outro onde houvesse mais proteção, conforto e abundância.

Dr. Verne morreu com um sorriso nos lábios, após escrever na tela de mensagens “Nós vencemos”.

Nunca soube que ninguém lia o que escrevera. Eras se passaram e a humanidade se extinguiu. Houve um tempo em que nada mais restava vivo no Universo. Não havia qualquer olho que pudesse ver as estrelas, nem entidade alguma que pudesse sentir ao menos solidão ou fome. Tudo voltara a ser comandado pela randomicidade fria do cosmos e, até o dia em que ela combinasse novamente os elementos certos na ordem certa, o universo ficara sem vida. A única exceção era aquele mundo virtual criado incontáveis séculos atrás, obra do Dr. Verne e sua equipe.

Os habitantes do experimento floresceram nas artes, governos, religiões e tecnologias, e agora investigavam as leis fundamentais de seu universo. Apesar de todo seu conhecimento, só poderiam escrutinar os princípios de funcionamento de seu mundo (suas leis físicas). Não havia como romper a barreira lógica da programação e identificar o hardware que estava sendo usado para suportá-las, mesmo que ele já tivesse tomado conta da quase totalidade da superfície do planeta. Nunca chegariam a conhecer que viviam em um mundo criado em um computador. Nunca conheceriam a resposta final para as questões fundamentais: De onde vim? O que estou fazendo aqui? Para onde vou? Seus criadores já não mais existiam e ninguém poderia lhes responder. Viviam sem um objetivo definido. Cada cultura e sociedade precisava criar seus próprios costumes, valores e contextos que pudessem lhes dar algum sentido ao que eles chamavam de vida.

Não sabiam também que estavam condenados desde o momento em que foram criados. Condenados não por algum cataclismo que pudesse atingir seu mundo (porque dele poderiam precaver-se). E sim porque, algum dia, não haveria como expandir os bancos de memória por insuficiência de matéria-prima do planeta real, substrato de seu universo.